

**O AXÉ NA NUVEM:
UMBANDA E CANDOMBLÉ FRENTE À INTERNET**

**AXÉ ON THE CLOUD:
UMBANDA AND CANDOMBLÉ TOWARDS THE INTERNET**

Claudia Alexandre¹

Luan Rocha²

Resumo: Vivemos, já faz algumas décadas, um cenário de mudanças, principalmente do ponto de vista tecnológico. Isso tem influenciado e modificado a vida da grande maioria das pessoas. Do ponto de vista da religião, isso tem se mostrado a partir da utilização do meio religioso das novas mídias, como ponto de apoio para a divulgação de doutrinas e serviços. Este presente artigo tem o intuito de apresentar essas transformações em meio à religiosidade afro-brasileira, que sempre deteve na tradição oral e familiar sua estrutura religiosa. Ao analisarmos o fenômeno dos altares virtuais, percebemos que por detrás da busca religiosa, existe, por parte das pessoas – adeptas ou não da religiosidade afro-brasileira – uma outra busca ligada, sobretudo, aos serviços oferecidos tanto pela Umbanda quanto pelo Candomblé. O mais curioso é que hoje não é mais necessária a ida ao terreiro para que tais serviços sejam realizados, pois a relação do consulente não se dava necessariamente por meio do pai ou filho de santo, mas por meio da entidade. É por isso que nos altares virtuais existe o espaço para pedidos, pois a relação do consulente, no meio virtual, se dará diretamente com a entidade espiritual, sem a necessidade de qualquer tipo de intermediário.

Palavras-chave: Umbanda; Candomblé; Afro-brasileiro; Religião; Internet

Abstract: We've been living, for a few decades, a scenery of changes, especially in technological way. This has been influencing and modifying most of people lives. In religions viewpoint, this is showed in the use of new medias by religion as a support to share services and doctrine. This present article has the will of presenting this transformations in afro-Brazilian religions, which have always been shared by talk and had in family roots its tradition. While analyzing the virtual altars phenomenon, we realize that behind religious search, exists a search – from people who are and are not members of afro-Brazilian religions – connected to the services that Umbanda and Candomblé (hoodoo or voodoo) can provide. The curious part is that is no longer necessary to go to the Terreiros (places where Afro-Brazilian fetishism is practiced) to get this services done. This is because the relation with people who search for help isn't related to the mediums, but is with the spirits. This is why in this virtual altars there is space for requests, considering that the relation, in virtual means, will be done directly with the spirits, not been necessary an intermediate person (medium) to exist.

Keywords: Umbanda; Candomblé; Afro-Brazilian; Religion; Internet

¹ Mestranda em Ciência da Religião (PUC-SP). claudiaalexandre.jornalista@gmail.com

² Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP). luanr.campos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Propomos neste artigo uma breve abordagem sobre a situação das religiões afro-brasileiras face ao fenômeno da internet, buscando analisar as adaptações e transformações que as novas tecnologias impõem às instituições, aos seus adeptos e o modo como atrai uma grande diversidade de pessoas interessadas tanto na prática religiosa quanto na oferta de serviços religiosos. Falamos aqui sobre Umbanda e Candomblé, segmentos que se diferenciam, mas que têm em sua base a ligação com a tradição oral, herança da matriz africana, que em tempos modernos, elabora novas formas de se relacionar com a comunicação na internet, onde tempo e espaço ganham novos significados.

Ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos garantem um maior acesso às informações e mais facilidade, no que diz respeito à velocidade de comunicação entre as pessoas, muitos questionamentos podem ser feitos não só quanto à eficácia de tais sistemas, como também, nos desafia enquanto cientistas da religião a observar como efetivamente essas relações se consolidam, já que estamos falando de espaços marcados, ademais, por um nível de desterritorialização que pode remeter ao não pertencimento físico e presencial de um lugar.

Temos aqui, como objeto, a afro-religiosidade no campo da internet. Como tem se adequado ao mundo virtual sem desprezar as tradições, que são baseadas na territorialidade e na temporalidade? E ainda, como a democratização da informação favorecida pela internet com seus variados veículos como sites, blogs, redes sociais, entre outros, tem proporcionado a ocupação do mercado religioso por meio de iniciativas individuais, distantes das instituições organizadas.

Também nesse sentido, quando falamos em adequação, é importante observarmos primeiramente o fenômeno da internet em relação às religiões afro-brasileiras, no que se refere às questões da oralidade frente à inovação tecnológica; a possibilidade do terreiro virtual; o comportamento individual e as ofertas de serviços na rede. Questões que são analisadas sem desprezar, o que nos parece mais curioso entender, no caso do Candomblé, o lugar do segredo e do axé (*àsè*). O axé como energia vital presente nos elementos da natureza, domínio dos orixás, transmitido para o grupo através da palavra e do corpo, intermediado pela figura do pai-de-santo ou mãe-de-santo, apoiado em cânticos, danças, oferendas, rezas e jogos de búzios. Um sistema onde a presença e a palavra falada têm mais poder do que a palavra escrita, entraria em conflito com o que pode oferecer um mundo virtual, como a comunicação pela internet.

Tomamos para este estudo as formas atuais de ocupação da rede, que disponibiliza atendimentos virtuais que vão desde jogos de búzios, receitas de banhos, magias, oferendas a distância, conselhos, rezas e até acendimento de velas em altares virtuais. Ofertas que são cada vez mais comuns e que desafiam as tradições afro-religiosas, que se deparam com iniciativas individuais, estimulando os ritos particulares fora dos muros dos terreiros.

Como opositor de uma nova realidade, na relação virtualizada, por exemplo, sem os ritos que são presenciais, a força do axé não será liberada, o que significa que neste contexto, o segredo da força da palavra depende de quem fala, o que fala e do momento em que fala. Apesar disso, esta teoria enfrenta outros interesses, os desejos privados, que não se importam, se esta forma de transmissão, tão característica da oralidade, vem perdendo importância na modernidade e colocando em questionamento as tradições. A figura central de quem detém o poder do segredo e do axé, no interior do ambiente sagrado, sofre mudanças e perde a importância com informações do mundo externo. Tudo está cada vez mais disponível em livros e acessível, nos veículos de comunicação e na mídia – rádio, TV, jornal, revista e internet. O que necessitava de intermediação e conhecimento está ao alcance das mãos.

Logicamente, em tempos modernos, não é necessário ser um iniciado ou adepto da religião para ter acesso às rezas, banhos, oferendas e outros serviços, que a tradição tentou proteger dos leigos. Maria Lina Leão Teixeira (1999) ao observar as comunidades de candomblé no Rio de Janeiro verificou uma modernização crescente nos hábitos, no uso de utensílios e de facilidades que influenciam não só a visão do que é considerado tradicional, como do que é considerado moderno. Entre eles, o uso de computadores para registro da memória coletiva, inclusive de ensinamentos iniciáticos e também para o cadastro de participantes – iniciados e clientes – dos grupos. Ela destaca não só a apropriação como a adequação à temporalidade e à espacialidade. Como exemplo das transformações provenientes da modernidade, temos o uso de eletrodomésticos na preparação das comidas votivas – microondas, liquidificadores, além do uso de alimentos industrializados, figurinos de moda e abandono de rituais, como o da colheita de folhas sagradas, entre outros, tão significativos para algumas cerimônias.

Esses são alguns aspectos que mostram a minimização do contato face a face e a diminuição da vivência comunitária, assim como a mudança na retransmissão e aprendizagem de conhecimentos (TEIXEIRA, 1999a, p. 138)

No caso da Umbanda, conhecidamente como uma religião brasileira, mais democrática e com desenvolvimento marcado, sobretudo, pela presença de segmentos brancos da classe média urbana e por um modelo religioso que integrasse legitimamente as contribuições dos

grupos que formaram a sociedade do Brasil – negro, índio e branco –, temos em seu ambiente uma facilidade maior de adaptação às novas tecnologias, principalmente porque seus adeptos ou frequentadores estão muito mais ligados à vida cotidiana da cidade.

1. AXÉ NA NUVEM

Ao analisarmos algumas páginas disponíveis na internet é possível observarmos que, apesar de sua heterogeneidade, a Umbanda, tal como no seu contexto de formação, hoje se apresenta como uma religião capaz de se adaptar a essa nova realidade que pauta e normatiza a vida diária de pessoas, grupos e instituições. Antes apenas presente com uma proposta de serviços religiosos, hoje é oferecedora de uma produção cultural e religiosa que vai dos livros aos cursos online sobre práticas e teologia umbandistas. Dentre esta gama de ofertas e possibilidades, as que mais nos chamam a atenção são aquelas que nos apresentam o fenômeno dos altares virtuais, muito presentes na esfera virtual católica, mas hoje adaptada às necessidades de todos aqueles que buscavam o terreiro físico em vista de que esse pudesse suprir suas necessidades.

Sem qualquer tipo de informação institucional ou descrição de seus idealizadores, o site <http://www.astrologosastrologia.com.pt>, de hospedagem portuguesa, escolhido por nós para esta rápida análise, nos apresenta diversas listas de altares virtuais. Ainda que seu foco esteja voltado à perspectiva holística, muito característico do movimento Nova Era, pois aborda em seus links temas como astrologia, orações, oráculos, magia e *feng shui*, o seu enfoque nos altares virtuais é muito curioso. Com uma breve explanação, o site busca mostrar para o seu público as vantagens de se utilizar de altares virtuais em detrimento dos físicos, questão essa interessante quando nos referimos ao meio umbandista, que tem no altar para a sua prática religiosa uma importância e essencialidade muito particular. Ao responder a pergunta “O que é um Altar Virtual?”, afirma que não importa o que propriamente seja a sua oferta, mas que o vale é a fé que você empreende nessa ação. Por isso, se utilizar de um altar de pedra ou de ouro, uma vela de cera ou eletrônica, um altar físico ou virtual, se torna inteiramente indiferente, à medida que o que vale, de fato, nesse processo de troca com o sagrado, é “você, a força do seu pedido, a firmeza da sua fé” (<http://www.astrologosastrologia.com.pt/blog/altares/>).

Quando buscamos compreender como se dá nos terreiros a relação do umbandista com o sagrado, vemos que existe por parte de todos aqueles que estão naquele rito, a necessidade da materialidade das coisas (das imagens religiosas de santos católicos que evocam a figura

do orixá ou da falange com a qual o terreiro trabalha até as comidas votivas ou velas coloridas oferecidas ao sagrado em vista de que os pedidos sejam realizados e os problemas resolvidos). A mesma lógica presente dentro do Candomblé com relação à dinâmica do axé entre iniciado e divindade, existe igualmente no terreiro de Umbanda entre filhos de santo e guias espirituais.

Atualmente estão em voga diversos níveis de discussões que envolvem em suas temáticas principais a necessidade ou não necessidade dos espaços físicos, seja pra qual tipo de relação que esteja em questão. Marc Augé aborda essa questão desenvolvendo um pensamento que se divide essas duas esferas básicas: Lugares e Não-lugares. Os Não-lugares aparecem como opostos ou inversos aos “lugares antropológicos ou tradicionais”. Estes correspondem a uma relação forte entre o espaço e o social, que caracteriza as sociedades arcaicas e que são portadores de três dimensões: identitária, histórica e relacional. Estes Lugares acompanham a modernidade, mas com as recentes transformações da sociedade eles vão se perdendo, desaparecendo e sendo substituídos por outros, nomeados por Marc Augé de “Não-lugares” (SÁ, 2006, p.180). Para definir tais conceitos, o antropólogo vai analisar as principais transformações que se verificam nas sociedades ocidentais criando um novo conceito, o de supermodernidade, caracterizado por três excessos: o excesso de tempo, de espaço e da figura do indivíduo.

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a lugares de memória, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 1994a, p.73).

O que Augé pretende é mostrar que estes novos espaços (Não-lugares) característicos da supermodernidade impõem aos indivíduos experiências e provas de solidão muito novas. O que liga os indivíduos aos espaços dos Não-lugares são, sobretudo, as palavras, as imagens, a publicidade, que cria “novos mundos” ou “outros mundos”, promovendo para as pessoas um contato maior com os outros, mas sem efetivamente estar com alguém. Cria, ademais, entre os usuários destes Não-lugares um tipo de relação contratual em que o indivíduo é apenas conhecido (como cliente, usuário, passageiro, ouvinte), mas não identificado, socializado e localizado (com nome, data de nascimento, local de nascimento, profissão, residência, etc.). O Não-lugar, visto que este é a negação do lugar – este, por sua vez, triplamente simbólico, porque simboliza a relação de cada um dos seus ocupantes consigo próprio (identidade), com os outros ocupantes (relacional) e com a história comum – é o espaço dos outros sem a

presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo, o próprio espetáculo tomado nas palavras e nos estereótipos que o comentam em avanço na língua própria do folclore, do pitoresco ou da erudição (AUGÉ, 1994a, p.167).

Ainda com Augé (1994), verificaremos uma grande necessidade de debruçarmos nossos estudos sobre três áreas muito pertinentes para o entendimento da relação no mundo contemporâneo: o indivíduo, os fenômenos religiosos e o espaço urbano. Não adianta apontar a existência dos Não-lugares, com suas características de imaterialidade e efemeridade, se estes espaços, como nos diz Augé, também podem se tornar Lugares, locais onde as pessoas acabam por formar suas relações e significações. Atualmente, isso não é de todo estranho, afinal a nova geração que emerge só entende o comunicar-se e o relacionar-se como sinônimos de interação virtual. É por isso que se faz importante compreender as interações que acontecem na rede, este Não-Lugar hoje tido como Lugar, no que tange à dimensão religiosa. Não apenas às religiões tradicionais que estão se atualizando quanto ao uso da internet, mas principalmente, quanto ao uso deste novo “Lugar” por religiões que até então se viram à margem da sociedade, escondidas ou fechadas apenas para iniciados, como é o caso dos Novos Movimentos Religiosos (NMR), bem como das religiões de matrizes africanas.

Ao transpomos esse entendimento para a nossa análise acerca dos altares virtuais e sua relação com a umbanda, pois dentre as opções de altares no site encontramos muitos que detêm como patronos entidades específicas e orixás dos mais diversos, que por sua vez são a parte essencial da religião de matriz africana, conseguimos compreender em que nível estão as relações, tanto entre os praticantes da religião com a internet, bem como dos usuários dos serviços online com a religião. Quando Augé se refere aos lugares antropológicos ou tradicionais, já citado por nós, acaba por apontar as formas de vida tipicamente pré-modernas, tais como vilarejos, aldeias, feudos medievais e pequenas cidades, que têm como característica uma cultura, na maioria das vezes, homogênea, com baixa diferenciação e alta coesão entre seus membros. A umbanda é uma religião diversa, heterogênea, a qual possui como um de seus elementos principais a autonomia do pai ou mãe de santo sobre seu terreiro. Nenhum rito é inteiramente igual, nem os pontos cantadas repetidos em sua totalidade de terreiro pra terreiro. Todavia, ao observarmos elementos essenciais que dão características específicas ao culto que chamamos Umbanda, claramente poderemos dizer que a religião é homogênea, ao passo que na interioridade do grupo religioso exista uma coesão e uma igualdade entre seus membros.

Reservamos o termo ‘lugar antropológico’ àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. (...) Esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos. O projeto da casa, as regras de residência, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras corresponde para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social. Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. (AUGÉ, 1994a, pp.51s).

Ao observarmos um terreiro, verificaremos que cargos, obrigações, posições e trabalhos são definidos por um chefe religioso, ou seja, existe uma hierarquização interna que, obviamente, pauta a tônica das relações de poder neste meio religioso. Contudo, por ser o terreiro de umbanda um terreno coeso internamente, principalmente no que diz respeito ao uso de determinados elementos religiosos, bem como sua indumentária e ritualística, podemos dizer que este lugar, igual aos Lugares de Augé, também detém um caráter identitário muito particular. Alguém que nasce num lugar tradicional tem sua vida demarcada pelo território a qual está circunscrito. Esse fator é um elemento chave para compreender a vida de uma comunidade de santo, seja candomblecista ou umbandista. Ainda que seus adeptos vivam no mundo contemporâneo e estejam inseridos numa realidade virtual, o espaço habitado – o terreiro e seus elementos agregadores – e as relações sociais que se inter-relacionam, são indissolúveis, pois neste lugar existe delimitada uma identidade cultural.

É importante apontar que não necessariamente um lugar tradicional esteja atrelado apenas à tradição deste ou daquele espaço comunitário. Nossa cultura atual, vista por muitos como uma cultura pós-tradicional, é tão rigorosa como em outros momentos históricos, pois ainda que certas tradições não tenham se mantido, ritos e representações ainda são necessários nas relações dos grupos e entre grupos, a fim de se traduza tal realidade em sentimentos morais e identitários. Isso é típico de um terreiro candomblecista e umbandista. Enquanto o primeiro ainda preza pela tradição, pela ideia de nação, rito e família, o segundo, mesmo num contexto urbano moderno, ainda mantém certo rigor quanto à forma como seu rito acontece, quais elementos devem ser utilizados e a maneira pela qual se dá a relação com o médium e seus guias.

Falar de religião e internet é, além de falar de espaços, também falar de tempo. Num contexto em que a religião afro-brasileira, entendida por nós como lugar tradicional ou antropológico e detentora de tradição e de necessidade no uso material dos elementos religiosos, o tempo se torna simbólico e associado principalmente a uma vida cotidiana ligada, sobretudo, a vivência interna do terreiro e não propriamente a vida comum das pessoas. Abordamos isso, pois dentro das religiões de matriz africana, a vida comunitária sob um aspecto de vínculo familiar religioso é de grande importância. Aprende-se na prática, no trabalho do terreiro, ouvindo dos mais velhos, observando a ação do outro, convivendo dia e noite durante longos períodos em preparação para as festas ou toques, em vista de que com o passar dos anos este e aquele filho de santo amadureça no entendimento e na tradição de sua fé. Numa sociedade tradicional o tempo é definido pela sua relação com o ambiente natural. A individualidade aqui possui menos relevância, pois a natureza é vista como um ciclo e a sociedade humana igualmente atrelada a esta forma de ser e viver.

Temporalidade tradicional e localidade estão intimamente conectadas. Uma marca a outra. A vida de uma comunidade de santo, quando em seu espaço de identidade, é pautada por um ciclo próprio, por um calendário de festas e obrigações religiosas que não dizem respeito apenas ao sincretismo religioso entre datas de santos católicos e festas dos orixás, mas antes, à ancestralidade africana que vê na natureza a manifestação de seu deus.

Os itinerários são calculados em horas ou em jornadas de marcha. A praça do mercado só merece esse título em certos dias. (...) As cerimônias de iniciação, os rituais de fecundidade ocorrem em intervalos regulares: o calendário religioso ou social modela-se geralmente em cima do calendário agrícola, e a sacralidade dos locais onde se concretiza a atividade ritual é uma sacralidade que se poderia dizer alternativa. (...) O monumento, como indica a etimologia latina da palavra, pretende ser a expressão tangível da permanência ou, pelo menos, de duração. É preciso haver altares aos deuses, palácios e tronos para os soberanos, para que não fiquem sujeitos às contingências temporais. Eles permitem, assim, pensar a continuidade das gerações. (AUGÉ, 1994a, pp. 57s)

Augé, ao apontar essa relação entre tempo e espaço em sociedades tradicionais, indica que a materialidade das coisas se torna necessária para que esta demarcação entre essas duas esferas fique clara (1994a, p.57). Existe, por assim dizer, uma preocupação, por parte dessas sociedades em seus lugares antropológicos, em tornar contínua a vivência, em especial a religiosa. Isso, na realidade do terreiro, é comum. Seu adepto não deseja apenas fazer entregas para seus guias, em vista de tal ação melhore tais e tais aspectos de sua vida, mas existe nessa prática um desejo de relação para com este divino, que transcende as barreiras das necessidades básicas. Para o candomblé é no assentamento que essa relação entre filho de santo e orixá se dá, ao oferecer ao santo a sua comida predileta, sua louça específica, seus

elementos decorativos, enxoval e água. Na umbanda, é dado ao congá este papel de agregar as relações entre médiuns, falanges e orixás, pois nele tudo se concentra e dele tudo sai. As práticas ritualísticas num terreiro de umbanda terão um tempo cíclico, um itinerário calculado, uma ordem de culto, oferta de elementos e colocação de pedidos, à medida que existir um altar físico. Ainda que hajam práticas nas matas e ou nas praias por parte dos umbandistas, a casa ou terreiro com seu altar central são fundamentais.

Figura 01: Congá Umbandista



Fonte: Fonte: <https://casadasorquideas.files.wordpress.com/2011/03/dsc037241.jpg> Acesso em 10/05/2015

Geralmente situado no fundo do terreiro, sempre de frente para o público, o congá é um altar composto por uma mesa onde ficam imagens de diversos outros apetrechos utilizados no culto (Figura 01). Geralmente as imagens são dispostas em uma ordem específica, mas que não se torna regra fundamental para todos os terreiros. A figura de Oxalá representado em Jesus é sempre a imagem que vai se manter num patamar mais alto que as demais. Também encontraremos cruces, copos ou quartinhas com água, flores, velas, pedras, às vezes livros, adjás, chocalhos, bem como imagens que diretamente não estão ligadas divindades africanas, mas que atuam em falanges dentro do terreiro, por exemplo, anjos, médicos famosos presentes em outras religiões mediúnicas etc. É interessante o quanto o congá concentra em si tudo o que é necessário para o umbandista. Existe um aspecto importante de relação entre o que está em cima e em baixo, pois enquanto as imagens e os demais elementos apontam para um transcendente, o que se encontra assentado diz respeito aos fundamentos do terreiro, estes últimos essenciais para que o grupo religioso sinta-se coeso, protegido e imantado magicamente pelas forças sobrenaturais.

[Os fundamentos] [...] constituem imantações especiais, feitas das fixações mágicas da lei da umbanda, destinadas a dar segurança à casa de culto e vincular os orixás a ela... O altar e o terreiro são firmados magicamente por necessitarem de proteção especial. O altar por ser o grande ponto de apoio de todos que buscam auxílio, seja de orem moral, espiritual e material... (GOMES, 1989a, p.138)

Representativo de uma individualidade, seja do grupo religioso ou dos chefes do terreiro – físico e espiritual – o congá detém uma grande importância para o umbandista e para todos que vão até este espaço em busca de auxílios. Quando hoje, vemos na internet o fenômeno dos altares virtuais, principalmente os que são dedicados a entidades ou orixás, acabamos por nos perguntar como é que se dão essas trocas entre consulente e entidade, sendo que para o meio religioso umbandista (com seu congá) e candomblecista (com seus assentamentos) esse diálogo com a outra dimensão se dá a partir dos elementos agregadores desses locais sagrados. Outra questão é a que envolve a mediação entre consulente e guias espirituais, que só vai acontecer à medida que o médium ou o chefe do terreiro estiverem presentes, pois estes detêm o fundamento, o axé e a tradição. São eles aptos e entendidos dos processos e mecanismos de acesso a estas forças muito distantes do consulente que chega ao terreiro.

2. ALTAR VIRTUAL AFRO-BRASILEIRO

Da plataforma que optamos observamos alguns elementos³, além da imagem da entidade patrona do altar, temos velas que podem representar a cor desta entidade, bem como uma oração escrita que pode ser lida pela pessoa antes de desta colocar num espaço próprio seu nome e num outro seus pedidos. É interessante a mensagem que é apresentada logo após a confirmação do envio de seus pedidos, dizendo para a pessoa utilizar com regularidade este altar, pois quanto mais a fé é manifestada, mais ela manifesta seus prodígios.

No caso desse site analisado percebemos que os pedidos feitos não são publicados embaixo do altar. Mas ao buscarmos outros sites com altares, vimos que os pedidos são apresentados, independente do conteúdo descrito nele. O que nos interessou foi o http://centropaijoaodeangola.com.br/altar/altar_virtual_de_exu.htm⁴. Destinado a entidades ligadas à linha da esquerda (exus e pombas-giras), os pedidos destes altares sempre possuem uma tônica de vingança, busca por prosperidade financeira e emocional e saúde física. Obviamente que os nomes das pessoas nas caixas dos pedidos podem ou não serem reais, o que não faz diferença neste espaço, pois o que nos chama a atenção são os pedidos de uma forma geral. Estes sempre apagados depois de setes dias.

³ Disponível em <http://www.astrologosastrologia.com.pt/blog/altares/>

⁴ Acesso em 10/05/2015.

Anônimo

Aceso em: 16/09/2015

Apagará em: 23/09/2015

Está feito pacto com 5 pombas giras prometo não quebrar a corrente e faço qualquer coisa para ter esse homem (l.t.s) aos meus pés, completamente apaixonado por mim (o.a.c) e afastado de qualquer outra mulher, amigos e familiares. Só meu, chamado forte! Mostrem-me seus poderes porque eu acredito, tragam (l.t.s) pra mim (o.a.c) hoje e p/ sempre, obrigada. Eu (o.a.c) admirador das falanges: Maria Mulambo da encruzilhada, Maria Padilha da encruzilhada, Pomba Gira Cigana da Encruzilhada, Pomba Gira Sete Saias da Encruzilhada, Pomba Gira Rainha das 7 encruzilhadas, com respeito e admiração por todas das falanges, pela beleza de todas e sedução, poder e honra, peço licença e suplico que me ajudem a manter o amor de (l.t.s) para mim (o.a.c), que dê tudo errado para ele com outras mulheres, com reuniões marcadas, festas, amigos e familiares, que ele desista de tudo se não tiver a minha presença sempre ao seu lado. Poderosas rainhas tragam (l.t.s) aos meus pés com muito amor, mas o amor de verdade como o que ele nunca sentiu antes.! Peço a todas vocês para levar agora minha imagem ao coração e mente do (l.t.s) com muita saudade, desejo! , paixão, tesão, e amor, ! Todas as vezes que o relógio bater o numero 7 seja sete horas ou sete minutos ou sete segundos. Que o (l.t.s) sofra de saudades de mim (o.a.c).girem, girem pombas-giras, girem, e tragam para mim (l.t.s) que seu desejo aumente por mim (o.a.c) e que de hoje em diante o desejo, o amor, o coração, os carinhos, o membro sexual e o tesão de (l.t.s) sejam só para mim (o.a.c), que nenhuma outra mulher, desperte o desejo e o interesse dele. Que o amor do (l.t.s) seja cada dia mais forte por mim (o.a.c) . Que (l.t.s) me trate sempre com muito amor, com muito carinho e respeito, que não me faça sofrer e que me ame loucamente. Que (l.t.s) me assuma como seu companheiro e amor da sua vida, e resolva morarmos juntos. E que assim como o poder de vocês amadas existem, que assim também a partir de agora, a partir de hoje, desse momento o desejo, o tesão, a paixão, o respeito do (l.t.s) por mim (o.a.c) passem a existir e que cada dia se torne mais e mais forte, assim como o poder de vocês rainhas formosas. Obrigada poderosas. Obrigada dou graças a todas entidades! Salve exus!...assim seja, assim está feito e jamais será desfeito! Manda-me um sinal de que serei atendida que (l.t.s)me deseje eternamente e que nada nos separará, assim que eu publicar serei atendida eu acredito em vós minhas amadas amigas me ajude por favor

Anônimo

Aceso em: 16/09/2015

Apagará em: 23/09/2015

E você não tem certeza do amor que você sente por ele, não faça essa oração, pois ele nunca mais te abandonará, nunca mais sairá do seu pé e te amará pelo resto dos seus dias... Faça e verá o que acontece, oração poderosa para amarrar a Pessoa Amada. Em 10 minutos apenas depois de publicar a pessoa vai te ligar, troque as iniciais entre parênteses, importante fé. Rainha Maria Padilha que (M.C.P) nesse momento esteja pensando em mim (M.C.P) me querendo a todo custo estar ao meu lado, querendo me ver, me abraçar, me beijar, que sua boca sinta muita vontade de me beijar e que sua mente só tenha a minha presença (M.C.P) Que (M.C.P) me procure ainda hoje, AGORA me chamando para ficar ao seu lado e dizendo que me ama e que tomou a decisão certa e definitiva. Assim seja! Minha Rainha Pomba Gira Maria Mulambo, Rainha das sete Encruzilhadas, peço assim: vá onde (M.C.P) estiver e faça com que ele não descance enquanto não falar comigo (M.C.P) pelos poderes da terra, pela presença do fogo!, pela inspiração do ar, pelas virtudes das águas, invoco as 13 almas Benditas, Pela força dos corações sagrados e das lágrimas derramadas por amor, para que se dirija onde (M.C.P) estiver me dê muito amor, carinho e queira falar comigo (M.C.P) pra sempre. Que (M.C.P) jamais deseje outra pessoa QUE NÃO SEJA EU (M.C.P) e que ele tenha olhos só para mim (M.C.P)

É bem curioso o quanto nomes são citados de forma abreviada e o quanto as palavras dos pedidos possuem uma entonação de que tais pedidos serão alcançados. Em nossa análise, verificamos que busca pelo sagrado no mundo contemporâneo sem que haja a necessidade de intermediações não está presente só no meio católico, mas igualmente dentro de um contexto afro-brasileiro, em que o acesso às entidades não está circunscrito ao terreiro ou pai e mãe de santo, mas diz respeito, sobretudo à pessoa, à sua relação com a entidade e o seu repertório de pedidos. Estar no terreiro exige da parte do consulente comprometimento com a entidade, o médium e o espaço de culto. No ciberespaço isso se dilui, tornando a relação apenas de uma via, aquela do consulente diretamente com a entidade espiritual, tendo ao meio o pedido como forma de ponte entre essas duas esferas. Não desejamos dizer que é mais ou menos fé estar no terreiro ou não, pois quando buscamos compreender o que é virtualidade ou realidade, nos damos conta de que o virtual também é real, a diferença é que a atualidade e o território que esta relação acontece. Deleuze afirmará:

“O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma plena realidade como virtual. Do virtual, é preciso dizer exatamente o que Proust dizia dos estados de ressonância: ‘Reais sem serem atuais, ideias sem serem abstratos’, e simbólicos sem serem fictícios. O virtual deve ser definido como uma parte própria do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como numa dimensão objetiva.” (2006a, p.294)

Quando nos referimos às religiões de matriz africana, vemos a necessidade da materialidade por parte dos adeptos, porque a estes elementos é dado o valor de fundamento da religião. Contudo, em nossa análise, esta questão está muito mais ligada ao poder nas relações entre os membros do terreiro com o sagrado e entre os membros do terreiro e a sociedade fora do espaço de culto, do que propriamente ao valor dos objetos em si. A questão envolve muito mais o processo de desterritorialização do terreiro e do altar, do que a eficácia dos pedidos nos altares virtuais. Tanto os sistemas simbólicos quanto a linguagem são igualmente virtuais. Porém não dizemos que não são reais, pelo contrário, são reais porque nos utilizamos deles para ressignificar o nosso em torno a todo tempo. Por esse motivo é que a realidade tem seu lado virtual, pois a realidade só é compreensível através de uma representação que seja simbólica. Cada vez mais os meios de comunicação contemporâneos estão congregando uma maior gama de signos, que permitem uma interpretação mais diversa, mutável e renovada da sociedade e de sua cultural. Transposto isso para o meio religioso, principalmente para a religião de matriz africana, podemos afirmar que não temos apenas uma atualização dessas religiões ao contexto virtual, mas uma nova forma de se relacionar

com a religião, seguindo a lógica, sobretudo, de uma cultura da virtualidade que é real e por isso não menos tradicional, como Augé se referiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto das religiões afro-brasileiras resta para a Umbanda e para o Candomblé dois pesos e duas medidas. Diante das ofertas de bens e serviços afro-religiosos na internet, vemos que a democrática Umbanda e o tradicional Candomblé se deparam com a ação cada mais individualista de curiosos e leigos em busca de satisfação de seus desejos e de suas necessidades privadas. O resultado é a formação de terreiros virtuais e páginas que virtualizaram altares, conselhos, oferendas e orações para obter sorte, amarrações de casais e proteção contra os “inimigos”.

Notamos que, ao contrário das páginas que se apresentam como ligadas ao Candomblé, as páginas de Umbanda têm uma presença mais significativa nos espaços da internet, uma relação semelhante se buscamos endereços virtuais de terreiros de Umbanda e Candomblé. Nas páginas da internet (*websites*), a religião é representada por grupos de discussão e poucas casas de culto, além de imagens e vídeos postados em espaços pessoais, ou seja, páginas de adeptos e frequentadores. As iniciativas individuais apartadas, de qualquer nome de tenda ou terreiro, ainda são a maioria.

Tudo está mais disponível. Cursos *online* (EAD), cânticos e danças em *websites*, homepages, vídeos relevando cultos iniciáticos, registrando festas e abrindo discussões que extrapolam o ambiente dos terreiros e ganham fóruns nas redes sociais. Fenômenos que demonstram que não é mais possível resistir às ofertas de bens e serviços, cada vez mais diversificadas da sociedade de consumo, mantenedoras da concorrência no mercado religioso, marcando presença no ciberespaço.

Para os estudiosos resta revisitar os conceitos de temporalidade, espacialidade e individuação, nas religiões afro-brasileiras, face às mudanças que a virtualização está impondo a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Papyrus, 1994.

BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1985.

_____. O candomblé da Bahia. São Paulo: Nacional, 1978.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. Umbanda, uma religião brasileira. São Paulo: FFLACH; USP; CER, 1987.

DELEUZE, Giles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GOMES, V. B. de S. O ritual da umbanda. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

HINE, C. Virtual Ethnography. London: Sage, 2000.

NEGRÃO, Lisias. Entre a cruz e a encruzilhada. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. Rev. Tempo Social. São Paulo. 1993. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Umbanda.pdf>> Acesso em 9/10/2014

_____. Magia e Religião na Umbanda. Rev. USP. São Paulo. set/out. 1996. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/31/07-lisias.pdf>> Acesso em 9/10/2014

SILVA, Vagner G. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. Candomblé e a (re) invenção de tradições. In: BACELAR, JEFERSON & CAROSO, CARLOS (orgs.) – *Faces da Tradição Afro-Brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida* – Rio de Janeiro: Pallas, Salvador, BA: CEAO, p. 131, 1999

SÁ, Teresa. Lugares e Não-Lugares em Marc Augé. Rev. Artitextos. n. 3. Dez. 2006. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1831/1/FAUTL_13_B_TeresaSa.pdf> Acesso em 07/10/2015.

VELLOSO, Ricardo V. *O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea*. Rev. Inf. Brasília. v. 37. n.2. Brasília. maio/ago. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n2/a08v37n2.pdf>> Acesso em 11/10/2014

VILLASENOR, Rafael L. As práticas religiosas no ciberespaço: nova fronteira religiosa. Ver. Ciberteologia. N.44. out/dez 2013. Disponível em <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/as-praticas-religiosas-no-ciberespaco-nova-fronteira-religiosa/>> Acesso em 5/10/2014

SITES ANALISADOS

http://centropaijoaodeangola.com.br/altar/altar_virtual_de_exu.htm Acesso em 10/05/2015.

<http://www.astrologosastrologia.com.pt/blog/altares/> acesso em 10/05/2015.